

Realizado, portanto, o diagnóstico de Leucemia Aguda Indiferenciada e optado por iniciar tratamento com Azacitidina e Venetoclax, com planejamento de 28 dias de duração do ciclo. Nesse período, paciente intercorreu com infecções respiratórias, com necessidade de uso de esquema poliantimicrobiano, inicialmente com antibióticos de amplo espectro iniciados empiricamente e posteriormente associado antifúngico, além de piora importante da função renal. Após 26 dias do início da terapia evoluiu com refratariedade às medidas aplicadas, tendo falecido nesta ocasião. **Conclusão:** Chegando ao diagnóstico, o tratamento destes pacientes é um grande desafio, uma vez que, por ser uma doença rara e com altas taxas de mortalidade, não existem protocolos específicos, sendo presentes na literatura experiências diversas quanto a terapêutica aplicada. De maneira geral, há o costume de tratamento dos pacientes com leucemia de linhagem ambígua com esquemas equivalentes aqueles usados em leucemias agudas de linhagem linfóide, sem estudos robustos que embasem a escolha, ao mesmo tempo que emergem relatos do uso de esquemas próprios de tratamento de neoplasias mieloides agudas em baixa intensidade, como descrito por Yu Cui et al. No caso aqui relatado, para além da análise da imunofenotipagem, considerando o nosso paciente com idade avançada, múltiplas comorbidades e status clínico ao diagnóstico comprometido, foi optado pelo esquema com Azacitidina e Venetoclax por conta da intensidade reduzida. O prognóstico da LAI, apesar de em melhora comparado com décadas anteriores, mantém-se como reservado. A idade é um importante fator a ser considerado, sendo os pacientes com mais de 65 anos aqueles em maior risco. Nosso caso mostra um importante exemplo dos desafios relacionados ao manejo do paciente com Leucemia Aguda Indiferenciada, população de alto risco de mortalidade relacionado à doença. O tratamento destes pacientes deve ser individualizado, com a perspectiva de que em um futuro próximo, principalmente com terapias-alvo em desenvolvimento, haja melhores horizontes no prognóstico.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.104623>

ID - 3268

PANORAMA ATUAL DA EPIDEMIOLOGIA DAS LEUCEMIAS AGUDAS NO BRASIL: DISTRIBUIÇÃO, DESIGUALDADES REGIONAIS E TENDÊNCIAS.

JDA Coelho^a, DA Feio^a, HF Ribeiro^b,
SR Antunes^a

^a Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ), Belém, PA, Brasil

^b Universidade do Estado do Pará (UEPA), Marabá, PA, Brasil

Introdução: As leucemias agudas (LA) representam um desafio significativo para a saúde pública brasileira, dada sua alta morbimortalidade e necessidade de diagnóstico e tratamento precoces. Embora o Brasil apresente avanços na cobertura dos

registros oncológicos, persistem importantes desigualdades regionais e socioeconômicas que afetam o acesso aos serviços de saúde, impactando diretamente a detecção, o tratamento e a sobrevida dos pacientes com LA. **Objetivos:** Realizar uma revisão integrativa dos dados epidemiológicos nacionais sobre leucemias agudas, com foco na distribuição geográfica, faixa etária no diagnóstico, mortalidade, e analisar criticamente as disparidades regionais que influenciam o panorama atual da doença no Brasil. **Material e métodos:** Foram selecionadas bases oficiais e literatura científica nacional, incluindo dados do Instituto Nacional de Câncer (INCA) e o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/DATASUS). O levantamento considerou incidência, mortalidade e perfil demográfico, além de identificar tendências temporais e disparidades regionais. **Discussão e conclusão:** Segundo estimativas do INCA para 2023–2025, o Brasil registra aproximadamente 11.540 novos casos anuais de leucemia, com risco estimado de 5,33/100.000 habitantes. A análise regional indica maior concentração de casos e mortalidade nas regiões Sudeste e Sul, reflexo da maior densidade populacional e melhor capacidade diagnóstica e assistencial. Por outro lado, regiões Norte e Nordeste apresentam sub-registro e menor acesso a tratamentos especializados, o que pode contribuir para subnotificação e maior letalidade. A faixa etária predominante varia conforme o subtipo: leucemia linfóide aguda (LLA) acomete principalmente crianças abaixo de 15 anos, com incidência ajustada ao redor de 53,3 casos por milhão, enquanto leucemia mieloide aguda (LMA) é mais comum em adultos e idosos. Dados de mortalidade apontam para cerca de 4.200 óbitos anuais atribuídos às leucemias, com tendência de estabilidade nos últimos cinco anos, porém com variações regionais significativas. A heterogeneidade epidemiológica observada revela a necessidade urgente de políticas públicas voltadas para a ampliação da cobertura dos registros, a melhoria da infraestrutura diagnóstica e terapêutica nas regiões menos assistidas, além de estratégias específicas para populações vulneráveis, como crianças e idosos. A desigualdade no acesso impacta diretamente na taxa de sobrevivência, sendo fundamental o fortalecimento do SUS e a integração dos níveis de atenção para otimizar o manejo clínico e a vigilância da doença. Este panorama integrativo evidencia que, apesar dos avanços no conhecimento e na estrutura assistencial, as leucemias agudas no Brasil continuam apresentando disparidades regionais que limitam o diagnóstico precoce e o tratamento adequado, impactando negativamente a mortalidade. O aprimoramento dos sistemas de registro, o investimento em laboratórios de referência e a capacitação dos profissionais são prioridades para reduzir essas desigualdades e melhorar os desfechos clínicos.

Referências:

Instituto Nacional de Câncer (Brasil). Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil – síntese de resultados e comentários. Rio de Janeiro: INCA; 2022.

SHAW, A. et al. Incidence and survival of childhood leukemia in Recife, Brazil. *Pediatric Blood & Cancer*, v. 65, n. 5, e26926, 2018.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.104624>